

**Evento:** XXV Seminário de Iniciação Científica

## **A FORMAÇÃO DE SUJEITOS LEITORES NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO<sup>1</sup> THE FORMATION OF READING SUBJECTS IN THE LITERACY CYCLE**

**Laís Maria Menegol Marinho<sup>2</sup>, Iselda Teresinha Sausen Feil<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Monografia de Conclusão de Curso em Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul UNIJUI.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela UNIJUI, laismenegol@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora Orientadora. Professora Mestre do Departamento de Humanidades e Educação, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul UNIJUI, isafe@unijui.edu.br

### **INTRODUÇÃO**

Por vivermos em uma sociedade letrada, comandada pela linguagem, saber ler e escrever é uma questão de cidadania. A leitura, ou saber ler e fazer uso deste conhecimento passa, necessariamente, a ser compreendida como um bem cultural e um direito de todos. Em razão disso, faz-se extremamente necessária a preocupação de entender as formas como a leitura vem sendo trabalhada na escola, principalmente no período que se refere aos três primeiros anos do Ensino Fundamental, entendido como sendo o Ciclo de Alfabetização. Como futura pedagoga, senti-me instigada a aprofundar este tema, desenvolvendo o Trabalho de Conclusão de Curso pautado no mesmo. Desenvolver um projeto de pesquisa dialogando com autores, educadores conhecidos e reconhecidos por suas pesquisas e produções e, também, com autores e atores, não tão conhecidos, mas importantes que são as crianças, foi, efetivamente, uma experiência que fortaleceu ainda mais a minha convicção da importância da alfabetização na formação da cidadania. A realização da pesquisa surgiu, inicialmente, por identificar-me com a temática, no entanto, este desejo de aprofundar a questão da alfabetização - do ensino da leitura e da escrita - consolidou-se ou deu-se de maneira mais enfática, durante o processo, quando tive a oportunidade de alargar a minha compreensão sobre o significa "ser, estar" alfabetizado, isso mediado por leituras e interações com as crianças, as quais mostraram que têm desejo de aprender - e aprendem - desde que encontrem adultos também desejosos que as acolham oferecendo um ambiente alfabetizador e proporcionando-lhes experiências, práticas de leitura que valem à pena, destacando aí, de modo especial, a literatura infantil.

### **METODOLOGIA**

O presente estudo apresenta reflexões sobre "A Formação de Sujeitos Leitores no Ciclo de Alfabetização", fruto da pesquisa realizada para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. A pesquisa privilegiou leituras de diferentes obras e autores que tratam da alfabetização e temas recorrentes, leituras e análise das políticas públicas para a Educação Básica e a interação com crianças de uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental. A interação caracterizou-se pela observação de práticas de leitura desenvolvidas pela professora com a turma, conversações e o desenvolvimento do projeto "Estudando o lugar em que vivo e convivo mediado pela literatura infantil", o qual privilegiou a leitura e a produção de textos pautados, principalmente pela literatura infantil, sem desconsiderar, no entanto outros gêneros textuais e situações de

**Evento:** XXV Seminário de Iniciação Científica

aprendizagens das outras áreas do conhecimento. Confrontando as leituras das obras e das políticas públicas com a experiência de “viver” um cotidiano escolar, foi possível a construção pessoal no que se refere à concepção de alfabetização/alfabetizado e possíveis formas de organização da prática pedagógica considerando esta concepção.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Grotta (2003) afirma que para ocorrer à constituição de sujeitos leitores com autonomia é preciso que os mesmos tenham uma história de vida permeada por mediações efetivas e afetivas de leitura, as quais teriam que ter início na família, por ser a primeira instituição educadora e por ser na infância que tudo começa. A criança que tem a oportunidade de conviver e interagir com livros e com outros suportes textuais constitui-se leitora desde a mais tenra idade. No entanto, é sabido que nem todas as crianças têm o privilégio de pertencer a uma família que tem a cultura da leitura e, muitas vezes sem condições de proporcionar um ambiente propício de leitura. A criança, nesta situação, não vê seus pais ler ou escrever e, muito menos ouve seus pais ler ou contar histórias para ela, fato esse, que dificulta o emergir do desejo e da curiosidade em aprender a ler. Esta realidade aumenta a responsabilidade da segunda instituição educadora da criança que é a escola. Cabe a ela promover práticas de leituras que desafiem à experiência de tal maneira que as crianças se tornem sujeitos ativos e protagonistas no seu processo de aprender. Aprender, aqui entendido não como simplesmente dominar a mecânica da leitura, mas de compreender as razões de ler, saber ler, desler, criar novos sentidos e saber fazer uso social deste conhecimento. Paulo Freire (1989) já apregoava e desenvolvia programas interdisciplinares de alfabetização, pautados neste entendimento e dava à mesma uma dimensão política de inclusão social e de humanização. No entanto, estes programas eram iniciativas dos movimentos populares e não estavam contemplados nas políticas públicas de educação brasileira. Nas políticas públicas, por muito tempo, a alfabetização era entendida de uma forma reduzida e restrita ao ensino dos códigos linguísticos. A criança precisava aprender a mecânica da leitura para depois ler. E isso, até certo ponto, se justificava, pois até os meados dos anos de 1980, acreditava-se que a alfabetização só seria possível através do uso de um método que seguia o ensino passo a passo, de modo linear, partindo do princípio de que tudo precisava ser ensinado. Ensinava-se a todos ao mesmo tempo. Apenas a partir deste período, surgem, no Brasil pesquisas importantes sobre a aprendizagem da leitura e da escrita as quais viriam revolucionar a concepção de aprendizagem, ensino, impactando na alfabetização. Entre estas pesquisas e movimentos, destaca-se o surgimento do construtivismo e, neste contexto, as contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985) com a teoria da Psicogênese da Língua Escrita que rompe com a lógica anterior evidenciando a participação da criança no seu processo de aprendizagem. Estas mudanças paradigmáticas provocaram amplas discussões no campo da educação e, sua aceitação nas políticas públicas (oficiais) não foi de imediato, reconhecida. No ano de 2006, o Ministério de Educação - MEC ampliou o Ensino Fundamental de oito anos para nove, instituindo os três primeiros anos como o Ciclo de Alfabetização e do Letramento, ampliando o entendimento do que representa saber ler e escrever. A definição do Ciclo de Alfabetização articula-se, então, diretamente ao compromisso de alfabetizar e letrar todas as crianças brasileiras até os oito anos de idade. Enfatiza o protagonismo da criança no seu processo de aprender, valorizando seus modos de expressão, formas de

**Evento:** XXV Seminário de Iniciação Científica

aprender, ser, pensar e agir. Magda Soares (2003), entre outros pesquisadores, defende que a alfabetização e o letramento são processos distintos, mas defende, também, que precisam ser trabalhados de modo indissociável e que é possível ensinar as crianças a ler e escrever por meio de articulação com as práticas sociais, de maneira que o sujeito se caracterize como alfabetizado e letrado. Esta compreensão conflitua, por um lado o que já apregoava Freire (1989), e por outro, consolida, uma vez que na sua concepção a alfabetização contempla além do ensino da mecânica da leitura a formação do usuário da leitura. No entanto, analisando os debates entre alfabetização e letramento, o importante é concordar que a criança ao ter o domínio da leitura e da escrita, passa a aprender de maneira mais significativa e pela mediação dos professores a fazer uso destas aprendizagens no cotidiano social. Para enfrentar este novo entendimento a formação do professor torna-se um desafio, pois apenas professores que dominam e se identificam com estas concepções poderão mediar tal dinâmica. Fazem-se necessários professores implicados e incentivadores que saibam instigar e mediar práticas de leitura no contexto escolar que sejam relevantes no contexto social.

Considerando ser, os três primeiros anos do Ensino Fundamental o período para a criança se alfabetizar escolhi, intencionalmente, uma turma do 3º ano para realizar a pesquisa, pois é no final deste período que a criança teria que estar alfabetizada. Desenvolvi o projeto de docência denominado: “Estudando o lugar em que vivo e convivo mediado pela literatura infantil.” Esse projeto teve uma abordagem interdisciplinar, com enfoque em produções textuais, leitura, práticas de oralidade, sem deixar de valorizar, claro, todas as demais áreas do conhecimento.

Pensando, então, no contexto da alfabetização evidencia-se que é imprescindível explicitar que houve uma mudança muito significativa, principalmente no que se refere ao ensino da leitura, que rompeu com a visão que propunha um ensino vinculado a habilidade mecânica de associar letras e sons, incidindo então uma nova perspectiva, de que a leitura, passou a ser entendida como uma atividade de elaboração de significados.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O professor, ao assumir a postura de alfabetizar letrando está garantindo o direito de que os sujeitos aprendam, no mínimo, a ler, escrever, interpretar, produzir textos e relacionar, estas leituras e releituras com a realidade social. A formação de sujeitos leitores no Ciclo da Alfabetização, tema da pesquisa do TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, embora, no processo tenha se mostrado como tema amplo e complexo, permitiu comprovar que boas práticas de leitura são possíveis, que a literatura exerce uma enorme influência na formação do leitor, que as produções das crianças são marcadas por sua cultura, evidenciando, no entanto, estarem em constantes novas aprendizagens. A pesquisa e a docência, para minha satisfação, permitiram vivenciar um cotidiano escolar que não trabalha sob a ótica do ensino tradicional que tem como base a cartilha e desconsidera o processo da aprendizagem da leitura e da escrita das crianças. Os sujeitos da pesquisa são crianças, que tem o privilégio de viver a experiência de leitura, mediada principalmente pela literatura infantil. São crianças que apresentam sucesso na alfabetização, evidenciado pela capacidade de ler textos com fluência, realizar a compreensão de textos, produzir textos com sentidos. Isso se deve ao fato de que as crianças terem vivências lúdicas e

**Evento:** XXV Seminário de Iniciação Científica

investigativas diárias com a leitura. Durante a docência percebi o encantamento dos alfabetizandos pelas mais variadas literaturas infantis.

O significado da leitura para a constituição do sujeito é enorme, pois favorece a comunicação, a constituição da cidadania, a formação humana, que o sujeito tem a possibilidade de enriquecer o vocabulário, interagir com o mundo, atuar criticamente na sociedade em que vive, logo, vivenciar momentos de sensibilização, fruição estética, para que tome gosto e esteja inserido na cultura da leitura. Logo, a escola e os professores precisam criar condições para consolidar esse direito.

**Palavras - chave:** Alfabetização; letramento; aprendizagem; formação.

## REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. trad. Diana Myriam Lichtenstin, Liana Di Marco e Mário Corso - Porto Alegre: Artes médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo, Cortez, 1989.

GROTTA, Ellen Cristina Baptistella. **Formação de Leitor: Importância da Mediação do Professor**. In: LEITE, Sérgio Antonio da Silva (Org.). **Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas: Komedi, 2003. p. 129-154.

BRASIL, Secretaria da Educação Básica. **Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa**. Brasília, 2015, caderno 5, p. 32-45.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003